

Conversa com os egressos da primeira turma do Programa Profissional de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação. Um balanço das trajetórias após o Mestrado

Carla Silva Machado

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio).

No dia 22 de janeiro de 2014, durante as atividades presenciais do mestrado profissional das turmas de 2012 e 2013, houve uma tarde intitulada *Experiências do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública – Relatos de Egressos*, em que os mestres egressos da turma de 2010, primeira turma do curso, puderam dividir com os alunos das turmas em curso suas experiências no desenvolvimento das atividades do mestrado e também após o término deste. Foi um momento de fazer um balanço das trajetórias dos alunos após os dois anos de vivência intensa no mestrado profissional e da construção das dissertações que, no Programa, têm um caráter propositivo.

As dissertações defendidas no PPGP, após a descrição e a análise de um caso de gestão, propõem um plano de ação a ser desenvolvido no ambiente descrito e analisado. Durante as apresentações dos egressos, foi possível perceber que muitos desses Planos de Ação Educacional (PAEs) estão sendo desenvolvidos pelos egressos do programa, o que atinge um dos objetivos do Programa, que é fazer a diferença na atuação profissional dos agentes envolvidos.

Entendemos a importância deste evento como uma maneira de estreitar os laços entre alunos e egressos. Segundo Juliana Magaldi – coordenadora do Núcleo de Dissertação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação (PPGP), responsável pela interação dos alunos com os orientadores e as linhas de pesquisa do mestrado –, a troca de experiências entre alunos e egressos:

[...] foi um encontro feliz entre o desejo dos ex-alunos de relatarmos a sua experiência e do PPGP de se repensar, vocês foram a 1ª turma, como estamos amadurecendo, esses percalços de vocês, dificuldades de vocês, fizeram com que a gente repensasse o currículo do programa, o formato, a atenção dada à dissertação [...]. Vocês ajudaram a aprimorar o PPGP e queremos saber como vocês estão agora. Então, quando pensamos todo esse movimento, surgiu um “por que não fazer com que isso saísse do universo nosso e passasse a contagiar o programa como um todo? A nossa ideia é manter esse círculo, principalmente pelo caráter profissional do mestrado, dando esse *feedback* sobre a importância do pós-mestrado, que é tão relevante pra gente, é tão significativo quanto a trajetória de vocês dentro do Programa. [...] Esse momento é justamente para que a gente inaugure o diálogo dos egressos, e queremos que esse momento se repita em todos os encontros presenciais. Queremos trazer o maior número de pessoas, pra falar da sua experiência, da sua trajetória, e manter esse contato entre pessoas de redes educacionais distintas; a estrutura do mestrado permite isso, principalmente ouvir experiências de pessoas que estão vindo de lugares diferentes, de redes diferentes, como que essas redes também pensam o mestrado, a sairmos um pouco do nosso casulo, e pensar como que outros gestores que compraram a ideia do mestrado estão se apropriando e buscando pares, é interessante.

Este primeiro encontro contou com a participação de 9 egressos: *Josélia Barbosa Miranda* (UFJF), *Elder Stroppa* (SEE/MG – SRE/Ubá), *Jânua Caeli Gervásio Galvão* (SEE/MG – SRE/Nova Era), *André de Lima Xandó Baptista*

(UFJF), *Miriam Cristina dos Santos Brandão* (UFJF), *Alexandre Rodrigues Soares* (Franqueado), *Rosa Maria dos Santos Manso Sakamoto* (UFJF), *Karina Hernandes Neves* (Franqueada), *Denise Maria Pinto* (SEE/MG – SRE/Ubá).

Quem são estes egressos e o que eles pesquisaram no mestrado?

Josélia – É funcionária da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no Centro de Pesquisas Sociais. É formada em Ciências Econômicas, cargo que ocupa na universidade. Ao apresentar sua pesquisa, ela contou aos alunos suas experiências:

Eu vou apresentar pra vocês, só em linhas gerais, o que foi a minha dissertação. O título é "Gestão estratégica participativa, uma alternativa para a Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora". A minha equipe de orientação foi a professora Márcia Machado, a Carla e a Patrícia, a quem, por sinal, eu devo muito. Foram excelentes orientadoras, tudo de bom de lembrança. O objetivo do meu trabalho foi avaliar a política de seleção, de formação e de acompanhamento do gestor escolar nessa rede, e verificar se existiam lacunas com relação à gestão estratégica e participativa, esse era o objetivo apresentado para a dissertação. Como que se deu o processo de pesquisa em si? Quais foram as minhas escolhas metodológicas? Foi uma pesquisa, um estudo de abordagem qualitativa, pautada em levantamento e análise documental, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Essa pesquisa de campo aconteceu em 6 escolas da rede, as quais foram escolhidas por meio de um critério, que foi o IDEB de 2007 e de 2006. Eu peguei esses dados na página do INEP, tabulei esses dados e escolhi uma escola que tinha apresentado bom desempenho, atingido as suas metas, tanto nos anos iniciais e finais nos dois anos de avaliação; a escola que não atingiu essas metas – duas escolas, na verdade, de cada; e uma escola que apresentou um resultado positivo em um segmento e no outro não, e vice-versa. E por que foi feito isso? Porque eu custei a contemplar todos os diferentes contextos de desempenho nessa rede. [...] Pra mim, foi um desafio muito grande pesquisar uma realidade que até então era desconhecida pra mim. Mas, que teve um lado positivo, que eu pude olhar com um olhar mais crítico. O que aconteceu de verdade é que eu quase desisti do mestrado. A gente estava até comentando aqui agorinha mesmo, a Mirian, a Rosa... que são colegas aqui da universidade, porque quando eu ingressei no mestrado, eu não conseguia ver espaço pra um trabalho mais voltado para a educação superior. Depois, ao longo do curso e mais precisamente com a disciplina da Márcia e do Burgos, eu... e também um trabalho que a gente teve que fazer pra TB ao entrar dentro de uma escola, eu me apaixonei por aquilo ali, entendeu? Eu não sabia nem o que era IDEB, meus colegas morrem de rir até hoje, quando eu falo que IDEB pra mim era aquela mulher que subia escadinha, não é? Eu não sabia o que era IDEB e então foi um desafio. Mas um desafio que eu considero que valeu a pena, foi bom. Então, assim, se aparecer um desafio, aceitem. Existiram barreiras, eu não consegui uma inserção dentro da Secretaria de Educação do município, acho até que em função de eu não pertencer àquela rede: "– O que que essa mulher está querendo pesquisar aqui?". Mas essas barreiras foram superadas.

Elder – É analista educacional administrador da Superintendência Regional de Ensino de Ubá em Minas Gerais. É graduado em Administração pela Faculdade Machado Sobrinho de Juiz de Fora. Tem pós-graduação em Gestão industrial pela Universidade Federal de Lavras. Sobre a pesquisa e a dissertação desenvolvida no mestrado, o Mestre em Gestão e avaliação da educação nos apresenta:

Os diretores das Escolas Estaduais da Superintendência Regional de Ensino de Ubá não possuem preparação gerencial no momento em que assumem suas funções de direção. Isso era uma pergunta, mas ao mesmo tempo já era uma resposta. Porque eu sabia que, trabalhando com os diretores, eu já sabia que isso acontecia. [...] A pesquisa, ela é muito importante. Ela é fundamental. Ela é um barato. Porque a gente descobre cada coisa legal. Então, eu apliquei 65 questionários de forma censitária. Nós temos 73 escolas na regional, estaduais, mas, naquele momento que eu fiz a pesquisa só 65 tinham diretores, as outras 8 estavam em processo de indicação de diretores, porque os diretores tinham saído. Então, os 65 que estavam em exercício naquele momento, eu consegui aplicar o questionário a eles. Tudo via internet. Foi até uma questão que é bom colocar aqui, porque nós ficamos numa dúvida danada. Pode fazer entrevista pela internet? Não pode? Pode fazer questionário pela internet? Não pode? E, ao final das contas, a gente viu que podia e que era um instrumento interessante. Depois desses 65 questionários, que era a parte quantitativa, nós fomos para a parte qualitativa da pesquisa. Então, foram entrevistas com 4 gestoras e eu separei da seguinte forma: uma que tinha mais de 15 anos de gestão, uma que tinha entre 7 e 10 anos, uma que tinha 5 anos e uma que tinha acabado de entrar, para a gente pegar esse universo e saber como eram as diferenças e as semelhanças das situações em que elas se encontravam. E, também, consegui entrevistar 3 das 4 diretoras regionais de ensino; a superintendente mais duas diretoras, a diretora administrativa e a diretora de pessoal. Então, ficou uma pesquisa bem interessante, porque a gente conseguiu pegar essa visão de todos os lados. E a pesquisa buscou identificar as características dos gestores escolares: como era a visão deles em relação à gestão; que habilidades e competências eles achavam que apresentavam antes de entrar no cargo de gestão; e como é que eles identificavam o processo de apoio que eles recebiam da superintendência?

Jânua – É inspetora escolar da Superintendência Regional de Ensino de Nova Era (MG), exercendo essa função na Diretoria Educacional (DIRE); já foi diretora escolar da rede privada e professora da educação básica. Segundo ela:

A gente sabe que muita coisa depende de vários fatores para uma escola funcionar. Mas a gente percebe também em que ocorrem situações em que escolas com características muito parecidas se sobressai muito mais que a outra, tem resultados nas avaliações externas e até no próprio desenvolvimento do trabalho. Isso me causava algumas inquietações, algumas posições – a liderança do gestor faz diferença. Mas, eu queria uma coisa mais comprovada. O mestrado me deu essa possibilidade. De estudar a fundo, de ir ao autor, de ir na literatura e confirmar isso. [...] Eu tive uma felicidade muito grande porque à medida que eu fui desenvolvendo o plano aqui, o texto, eu já fui conversando com o pessoal lá na Superintendência Regional de Ensino, com

a superintendente, com as escolas e eu já tinha um... já foi sinalizado que eu poderia colocá-lo em prática.

André Xandó – É servidor administrativo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e exerce o cargo de coordenação na área de Recursos Humanos. Segundo ele: “[...] sempre lidei com administração ou de empresa fora da universidade ou em universidade na gestão do curso superior”.

Sobre a pesquisa desenvolvida no mestrado do PPGP, ele relata:

O meu trabalho fala sobre a avaliação de desempenho de servidores. Um tema meio polêmico, avaliação de desempenho de servidores dentro do serviço público, dentro do sistema de educação. [...] Eu fiz uma pesquisa documental em 18 universidades do Brasil, a fim de verificar se as práticas de avaliação delas estavam atreladas à gestão estratégica das organizações. E correlacionei também essas práticas com o modelo de gestão de um cientista americano que propõe 4 dimensões de gestão. Em que pega a estratégia, aquela gestão do dia a dia, pega a gestão de parceria, com funcionários, e pega a gestão da mudança. Então fomos verificar nas 18 universidades se a avaliação estava alinhada ao estratégico e se estava alinhada a essas 4 dimensões. Cruzamos todas as informações, montamos diversas tabelas e, no final, propusemos um plano de ação que poderia ser aplicado em qualquer uma das instituições, trazendo esses valores que a gente entendeu que eram bons valores para a avaliação de desempenho.

Miriam – É funcionária da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) lotada na Pró-Reitoria de Pós-Graduação, trabalha diretamente com a CAPES nas avaliações de todos os cursos de pós-graduação da universidade.

O plano de intervenção da egressa foi voltado diretamente para sua área de atuação na UFJF. Segundo ela:

Então, o que eu queria desenvolver era uma coisa interna aqui na Universidade que avaliasse os programas de mestrado e doutorado anualmente, para eles terem um retorno de como estava a produção de seus alunos, de seus professores, se eles estavam no caminho certo, se isso condizia nacionalmente. Se era aquilo mesmo. Então meu PAE foi isso: Plano de ação para monitoramento e avaliação anual dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da universidade. Então o que a gente pensou foi colocado em ação. Porque meu pró-reitor na época fez muita força pra eu entrar no mestrado, ele apoiou isso. Então, a gente fez um levantamento de todos os indicadores de todos os cursos de mestrado e doutorado, levando-se em conta o nível de aluno, de dissertação, de tese, de produção de docentes, de laboratórios, de tudo. O que cada programa tinha. A gente fazia visitas, fizemos visitas em todos os programas e fizemos esse levantamento, e de acordo com a avaliação nacional a gente jogava pra saber se o programa estava bom, se o programa estava ruim, se ele tinha condições de aumentar de conceito na próxima avaliação, então foi um trabalho de formiguinha que eu consegui. Lógico que eu não consegui implementar o meu PAE todo. Porque o sistema que eu montei teria que contar com o CGCO, que é o sistema da universidade para implantar o sistema *online* e jogar todos esses dados no sistema, isso eu ainda não consegui, mas quem sabe ainda vai. [...] A gente teve bastantes programas

que aumentaram de conceito aqui na universidade. E quando eu fiz o levantamento, tinham até 5 programas que estavam na iminência de cair de conceito e a gente conseguiu trabalhar junto com eles pra eles pelo menos manterem o conceito, senão eles iam cair. Não ia ter mais funcionamento. Então, assim, foi um trabalho legal, foi muito apoiado pela Pró-reitoria, e, assim, espero continuar esse trabalho realmente lá.

Alexandre – É professor de Química da rede estadual do Rio Grande do Sul, foi gestor do sistema de avaliação de educação do Rio Grande do Sul.

Segundo ele:

Sou professor de Química, mas minha formação original era Química industrial, eu assumi a sala de aula a partir do momento em que experimentei a fazer licenciatura [...]. Sempre de sala de aula sem largar a sala de aula, mas acabei fazendo especialização em Informática educacional e, também, sem largar a sala de aula, eu passei a atuar na formação de professores com o uso de tecnologias.

Na sua dissertação de mestrado, propôs uma formação continuada para os professores da rede estadual do Rio Grande do Sul, mas sugere uma formação por escola, para assim levar em conta as especificidades da comunidade escolar. Segundo o egresso:

Algumas ações que eu propus foram essas aqui: reunião pedagógica, monitoramento daquela escola, da regional lá. A gente tem 30 regionais no Rio Grande do Sul. A minha, que eu estudei, é a da região de Gravataí. Propus formação continuada mas só que estava atrelada aqui. Não é qualquer formação continuada. Não pode ser qualquer formação continuada lá. Mas, porque, uma coisa que eu não gosto mesmo. É que é uma formação continuada para todas as escolas. Eu não acredito nisso. Eu acredito que os problemas são diferentes. Como gestor do sistema de avaliação eu percebi que as nossas escolas são diferentes lá no Rio Grande do Sul. Então, esse negócio de dar o mesmo remédio para doenças diferentes eu não acredito.

Sobre as atividades durante o mestrado, o egresso do PPGP destaca:

A gente se reunia na parte presencial, as trocas eram riquíssimas. Além de fazer todas as atividades e disciplinas, eu ainda mantinha *sites e blogs*, esse *blog* aqui criado por umas das disciplinas – uso de tecnologias, eu fui alimentando com algumas anotações minhas e que ideia, não é? [...] em vez de anotar no papel, porque eu não consigo, a minha letra não é boa, faz muito tempo que eu não uso isso... as coisas que eu ia descobrindo eu colocava no *blog*.

Rosa – É Bacharel em Direito e Procuradora Institucional da Universidade Federal de Juiz de Fora. Sobre o seu desenvolvimento profissional após a entrada do mestrado, a egressa relata o seguinte:

[...] O primeiro ganho foi que eu pude refletir, sistematizar rotinas, processos e estruturar um setor todo em cima da pesquisa, do estudo, dos referenciais, do meu objeto de pesquisa e do meu Plano de Ação Educacional (PAE). E isso foi muito importante. Porque até então eu estava desempenhando um trabalho profissional, mas eu não me sentia com domínio, eu não me sentia com capacidade de fazer. Eu me sentia

insegura. Então, durante todo o tempo, a cada disciplina, mesmo as disciplinas voltadas para a educação básica, a gente podia aprender relativamente aquela disciplina, podia ser que o conteúdo não trouxesse pra gente um enriquecimento na área do ensino superior que era a nossa seara. Mas trazia pra gente experiências de pessoas, de profissionais e as partilhas dos colegas. [...] De repente eu me dei conta de que a coisa mais importante, que as minhas perguntas mais importantes tinha a ver com meu dia a dia no trabalho, com as questões que eu não conseguia responder, com os problemas que a gente enfrentava. Então, eu voltei o meu PAE para isso. Eu não procurei fora do meu ambiente não. Eu queria mesmo ali. E isso facilitou bastante. E como eu trabalhei durante 5 anos, já trabalhava quando entrei no mestrado, na regulação da graduação. E eu, o que é que eu fiz? Eu revisei todos os processos, desde o começo, quando eu cheguei no setor, quando não havia ainda uma coordenação dedicada a esse trabalho. Os cursos na UFJF, 90% dos cursos, apesar de sermos uma universidade federal, estavam funcionando irregularmente, frente ao novo sistema implantado pelo MEC, que é um sistema eletrônico de regulação. O novo processo em geral; não era só o processo eletrônico. Toda a legislação, toda a regulamentação nova, quando a gente se deparou com isso, eu cheguei já no momento em que a gente descobriu que a gestão estava descobrindo que estava tudo irregular. Então eu revisei todo esse momento, descobri que eu já trabalhava com processos de rotina de forma intuitiva, mas me faltava ter consciência e rever muitos processos.

Sobre os resultados alcançados pela dissertação, a Mestra em Gestão e avaliação da educação destaca:

E o meu PAE envolveu toda a minha equipe, e os resultados envolveram a minha equipe, mas envolveram também a UFJF. Nós conseguimos deixar todos os cursos da UFJF regularizados. Então, a gente conseguiu realizar o PAE até o momento em que eu deixei o projeto. Nós conseguimos realizar as metas, descobrimos que nós tínhamos muitos resultados qualitativos e quantitativos que a gente não tinha noção. Porque a gente não sabia medir, a gente não sabia analisar o nosso trabalho. A gente descobriu o valor do nosso trabalho, o valor do nosso percurso, a partir de tudo o que eu fui aprendendo no PPGP, foi muito bom. Eu deixei o projeto funcionando, a equipe lá continua, mas eu não continuei no projeto.

Karina – Começou o mestrado como professora de Língua portuguesa da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ) e, durante o mestrado, foi aprovada na seleção para professora da rede federal de ensino.

Nas palavras da egressa:

Primeiro, eu gosto de dizer sempre que a minha, tanto a minha vida pessoal, quanto a minha vida acadêmica e minha vida profissional, é dividida entre antes e depois do PPGP, sem dúvidas. Porque eu sou de uma cidade do interior, 3.000 eleitores, onde a próxima universidade, a universidade mais próxima é em Campos e muito voltada para a área tecnológica, então não tem nada que me oferecer em termos, eu gostaria de estudar, eu sou formada em Letras, e eu me formei em 2001, e fiquei pensando no que fazer. Eu fiz especialização na minha área, mas eu queria fazer mestrado, eu queria fazer doutorado. E foi

muito interessante porque eu comecei o mestrado como professora e durante o mestrado eu fiz 2 processos seletivos, porque o governo [...] até então eu era funcionária da Secretaria Estadual de Educação, e o governo criou a política por meritocracia, que eu bato palmas, porque eu acho que pessoas que têm qualificação para os cargos estão ocupando os cargos, o que antigamente não acontecia. E eu acho que foi muito interessante, é uma seleção interna muito honesta, e que os conhecimentos que eu tive aqui, nas disciplinas do PPGP me ajudaram muito, então eu estava 2 passos à frente dos demais, porque eu tinha esse conhecimento de gestão, de administração... esse conhecimento o pessoal não tinha. Então, eu fui orientadora de gestão, depois coordenadora de uma regional, o que também foi interessante, porque tinha tudo a ver com o que eu estudava. E, depois que eu terminei, já no finalzinho do mestrado, faltava uns 3 meses pra defesa, eu saí da rede estadual e passei pra rede federal. Hoje, eu sou funcionária da rede federal.

Acerca do desenvolvimento do seu trabalho de pesquisa, ela enfatiza:

Eu não gosto de analisar problemas. Eu queria analisar uma solução. Isso é meio complicado, você analisar um bom resultado. Eu queria que meu trabalho falasse de uma coisa positiva. Que houvesse uma boa prática. E aí eu pesquisei uma escola de IDEB elevado e quis saber porque essa escola tinha o IDEB elevado. O problema é que já tinha sido aluna dessa escola e já havia sido professora dessa escola, o que comprometia um pouco a pesquisa. Mas eu já não era mais funcionária dessa escola e tentei fazer a coisa de maneira mais imparcial possível. [...] Eu quis pesquisar essa escola porque ela teve um resultado muito elevado tanto em 2009, quanto em 2011, e com todo o aval da Secretaria Estadual de Educação, de que houve uma participação maciça dos alunos, a aplicação foi legítima, não houve nenhum processo fraudulento para que esse resultado fosse alcançado. E o que eu queria fazer então? Eu queria identificar os fatores que tivessem contribuído para esses bons resultados, para que isso fosse, de certa maneira, generalizado. Sabe que cada caso é um caso, cada realidade é uma. Nas escolas do interior, onde pelo menos eu pesquisei, essa escola, ela é a única. Então, não há colégios particulares, ali é uma clientela muito heterogênea. E a ideia é que isso fosse transformado em uma cartilha, que fosse acessível para outras escolas. Eu fiz um estudo de caso, pesquisa qualitativa, apliquei questionários, entrevistas, eu observei o cotidiano da escola, essa foi a minha maior dificuldade. Observar o cotidiano da escola com imparcialidade, porque era uma escola que me era familiar. E o que é que eu detectei de boa prática nessa escola? O diretor da escola até então, o diretor da escola inclusive foi mestrando aqui, e ele falou de uma outra escola que também tem bom resultado. Mas, o que é que eu percebi? Os alunos dessa escola não tinham tanto interesse nas avaliações, porque eles não ganhavam nada. Nisso, a política da Secretaria Estadual de Educação contribuiu muito, porque o aluno começou a ganhar em função do bom resultado.

Denise – É formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa, e especialista em Educação pela mesma instituição. Atualmente, é analista educacional da Superintendência Regional de Ubá (MG). Está envolvida em projetos que são da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o projeto da edu-

cação em tempo integral. Além disso, faz o acompanhamento pedagógico das escolas sob essa jurisdição.

Sobre o desenvolvimento de sua dissertação, ela enfatiza:

A minha dissertação foi intitulada "Gestão do projeto escola de tempo integral – um olhar introspectivo". Porque, na verdade, era um trabalho de muita dedicação, a gente sabe disso, de muito esforço. Bom, era um trabalho desafiador. Então, por que o interesse pela educação em tempo integral? Na verdade, como eu disse pra vocês, eu atuo na coordenação de projeto e, além disso, enquanto professora dos anos iniciais, nos anos anteriores, o desejo que a gente tinha enquanto professora era que os nossos alunos da escola pública pudessem ter um atendimento em casa, um acompanhamento em casa das atividades que são enviadas, as tarefas de casa.

Quais os passos dados pelos egressos após o mestrado?

Josélia – A Mestra em Gestão e Avaliação da Educação disse ter se apaixonado pelo tema da gestão educacional, mais ainda em relação ao perfil e competência dos gestores escolares. Atualmente participa de um projeto de pesquisa com essa temática, cuja coordenadora é a professora Márcia Cristina da Silva Machado, da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC) e do PPGP, que foi sua orientadora de dissertação. Em relação às demais atividades desenvolvidas após o mestrado, ela nos apresenta:

Eu consegui produzir e publicar alguns artigos, participei de alguns congressos, fiz dois recortes da minha dissertação: um foi apresentado em um congresso iberoamericano na Espanha, o outro foi apresentado no Simpósio Brasileiro de Política e Administração, em Recife, no ano passado. E agora fruto dessa pesquisa, dos resultados iniciais dessa pesquisa, junto com a Márcia, nós tivemos a aprovação, tivemos essa resposta semana passada, de que o trabalho foi aceito para o 4º congresso, que vai acontecer em Porto, agora em abril de 2014 [...]. Nos congressos que eu participei, a gente vê que é importante, que existe demanda, que existe espaço pra discussão, quando você traz ideias novas, quando a gente traz outras coisas, existe receptividade, existe espaço para se discutir. Então, assim, é legal vocês pensarem nisso também, não só em implementar o plano de ação, porque o mestrado tem essa característica também, mas também da gente não deixar de lado a questão acadêmica e considerando também importante.

Elder – Apresentou aos alunos do PPGP as primeiras ações do seu Plano de Ação Educacional, que está ligado à perspectiva da criação do NUGER (Núcleo de Aprendizagem, Treinamento e Apoio aos Gestores Escolares). A proposta do Núcleo é apoiar os gestores das escolas atendidas pela Superintendência de Ubá tanto nas questões burocráticas, quanto nas questões pedagógicas, incentivando inclusive as trocas de experiências. Percebe-se, desta forma, que o egresso está conseguindo colocar as ideias apresentadas na dissertação em ação, mudando, assim, sua realidade.

Além das ações em seu espaço profissional, o egresso ainda destaca:

Pós-mestrado, nós tivemos lá no CASSI, um congresso da área de Administração – Administração, sociedade e inovação –, que foi lá em Volta Redonda, junto com nosso amigo, professor Tanure, apresentando nosso caso; foi muito interessante essa apresentação. E, dessa forma, o NUGER ainda está em construção, mas ele está caminhando. Talvez não com esse nome, talvez não da forma que a gente gostaria, mas ele está caminhando. Com possibilidades reais de se tornar uma realidade na gestão educacional, na gestão escolar, e eu agradeço a todos pela atenção.

Jânua – A Mestra pelo PPGP fez questão de enfatizar o quanto foi importante trabalhar as questões conceituais ligadas à gestão escolar, ao mesmo tempo em que desenvolvia seu trabalho. Ela destaca que seu Plano de Ação Educação tinha o objetivo de:

[...] divulgar as boas práticas de ação escolar, com proposta de intervenção da Superintendência Regional de Ensino nas escolas estaduais que apresentam menor desempenho com vistas a melhorar os resultados escolares. Esse plano de intervenção partiu de uma pesquisa nas escolas e realmente as diretoras, gestoras, com perfil de liderança, que eu estudei de acordo com o trabalho da professora Thelma Polon, o perfil de liderança, além da menção de gestão da Heloísa Lück, foi o que me serviu de apoio no trabalho. Então, o que eu achei lá: várias práticas positivas. O conhecimento de uma política pública, quando todos os atores sabem o que estão fazendo, quando conhecem a política. É claro que muitas vezes vem de cima, a pessoa não conhece muito bem. E aí a gente dividiu em dois grupos as escolas lá na superintendência, e um grupo ficou chamando Escola laboratório (aquele grupo que vai mostrar a boa prática), e o outro grupo: Escolas beneficiadas. Elas assinam um termo de adesão – há um convite. As escolas que não estão com bons resultados vão ficar no grupo do beneficiado e uma escola laboratório, que é aquela escola que tem uma gestão forte e tem bons resultados, elas vão trabalhar com esse grupo de 5 escolas beneficiadas. E tem que ter um termo de adesão e compromisso, que cada escola vai aderir ao projeto, se quiser e, graças a Deus, nós tivemos 100% de aceitação. Então, eles assinam, junto com o colegiado. A gente tem uma pauta definida pra primeira visita, depois a segunda, você tem várias ações no projeto, que não vai dar para apresentar tudo, mas em agosto de 2012, que começamos o projeto, a gente tinha 1 Escola laboratório e 8 Escolas beneficiadas. Em 2013, nós trabalhamos com 5 Escolas laboratório e 30 Escolas beneficiadas.

Quanto aos desafios acadêmicos e profissionais, a egressa enfatiza:

Bom, vida profissional pós-mestrado: mais poder de argumentação – acho que todo mundo vai ter isso. Mais segurança para falar, as linguagens, criticidade, a valorização, não digo na questão remuneratória, que a gente tem um plano de carreira talvez num formato um pouco diferente... a valorização dos colegas, o crescimento pessoal, isso aí não tem preço. Projeto em execução. E nós temos lá na Superintendência Regional de Ensino Nova Era 5 projetos próprios, diferentes. Não é projeto que a Secretaria faça. Então, nós temos 5 em andamento, e estamos com proposta para aumentar. [...] E quero possivelmente continuar e fazer o doutorado.

André Xandó – Em relação às experiências profissionais e acadêmicas, o egresso ressalta:

[...] eu apresentei junto com o Tanure (Professor do PPGP e vice-coordenador do Programa), a gente apresentou um artigo no Congresso internacional de Gestão na Universidade do México, foi uma experiência muito bacana. Tinha universidades de toda América Latina, tinha dos Estados Unidos, apresentando artigos também. E esse mesmo o congresso que o Elder apresentou, O CASIS, a gente teve um artigo aprovado, a perspectiva do doutorado tem, mas a gente que está no dia a dia, vocês na direção de escola, pra você parar, pra você fazer o projeto, você estar afiado na língua para poder entrar pro doutorado, tem que ser um projeto que você tem que ter muito afinho também. [...] A gente na universidade vive o fenômeno da doutorite, não é? Na universidade, a maior parte do seu quadro é formado por doutores e os doutores, muitas vezes, olham os técnicos de uma maneira, às vezes não como um profissional. E quando a gente passa a ser qualificado também, a gente passa a ser valorizado e ter um argumento igual ao professor que tem essa titulação. A gente passa a ser reconhecido e a gente passa a ser visto como um profissional.

Miriam – Quanto às atividades após o mestrado, a Mestra pelo PPGP destaca:

A gente participa agora de um grupo de estudo que estuda o curso superior, isso foi fruto do mestrado. O Tanure colocou gás pra gente apresentar trabalhos fruto de nossa dissertação, meu trabalho foi apresentado em Buenos Aires, num Simpósio internacional de Gestão do ensino superior. Então, assim, foi aceito, foi apresentado. Já fiz o projeto de doutorado nessa área também, que foi aceito em Buenos Aires. Ainda não consegui entrar no doutorado, pelas dificuldades que o Xandó colocou: estudar, tirar um tempo de estudar. Mas é meu projeto pra 2014 e é o que eles falaram: a gente muda muito a visão depois que a gente sai do mestrado. A nossa linguagem, a nossa postura dentro de uma pró-reitoria, a gente conversa. Agora, na pró-reitoria, quem entende mais de avaliação da CAPES? Sou eu!

Rosa – Sobre a atuação depois o mestrado, a egressa nos relata que deu continuidade aos estudos no Programa de doutorado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Segundo ela:

Eu descobri que eu queria continuar minha vida acadêmica, e que eu precisava, apesar de tudo o que eu tinha visto acontecer e da forma com que eu me sentia realizada, eu precisava realizar uma outra área da minha vida, que tinha ficado parada, então eu defendi em outubro, já havia acontecido a seleção pro doutorado, no programa de Ciências Sociais, que é uma área que sempre me atraiu, eu sou da área de Ciências Sociais aplicadas, então essa área sempre foi atrativa pra mim, mas, da mesma forma, quando eu fiz Direito, e quando eu fiz a minha especialização em Direito público, eu sentia falta de ir mais fundo, de ir nas razões de ir muito mais fundo do que aquilo que eu tinha conseguido até então. Então eu tive a oportunidade, daí aconteceu a seleção e eu perdi, porque estava justamente na época da minha defesa. Mas eram 20 vagas e apenas 10 vagas foram preenchidas. Então, houve uma reedição da seleção e eu correndo, meu orientador me avisou por *e-mail*, mas eu já tinha visto. [...] Então, eu não voltei as costas para a

continuidade do meu sonho, eu fiz a seleção, passei natal, ano novo, as férias estudando que nem uma louca, realmente um pouco mais, mas também nisso o mestrado profissional me ajudou, porque me mostrou que aquilo que eu achava impossível era possível, eu tinha conseguido defender a minha dissertação, e aquilo me parecia um obstáculo quase intransponível, com todo o turbilhão da vida da gente. Então eu vi que aquela seleção não seria um obstáculo intransponível, eu poderia não conseguir transpor naquele momento, mas, se eu não tentasse, eu não iria saber. Então eu fui fundo, fiz a segunda edição, consegui passar. O meu projeto, por incrível que pareça, a minha área não era Ciências Sociais. O meu projeto foi o que obteve a melhor nota na seleção do doutorado. Tudo o que aprendi no mestrado profissional, eu realmente aprendi a montar um projeto, eu aprendi a pensar o meu projeto. Hoje, eu já modifiquei totalmente o meu projeto, mas naquele momento foi a melhor nota na seleção; nas outras áreas eu não tive a melhor nota, mas eu consegui passar. Mas nessa área eu tive a melhor nota, e isso... eu na hora em que eu bati os olhos naquele resultado, eu sabia a quem eu devia aquele resultado, a mim e ao meu esforço, mas também muito ao que eu aprendi, não resta dúvida. E foi ótimo, passei, estou fazendo doutorado, pedi licença, preparei, estruturei a minha equipe, a minha coordenação, pra deixá-los, e deixei a equipe e liberei o meu trabalho. Eu tinha muito apego pela minha função, pelo meu trabalho, deixei. Está andando, graças a Deus muito bem, e hoje eu estou de licença só pra estudar, é muito mais tranquilo.

Karina – Em relação à vida acadêmica após o mestrado, Karina é colega de turma da Rosa no doutorado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Segundo ela:

[...] então quando eu concluí o mestrado, eu queria concluir em julho, mas fui defender em outubro, porque eu queria esperar o resultado do IDEB pra ver se confirmava a boa atuação da escola que eu estudava. E foi interessante porque eu terminei em outubro, teve a seleção do Programa das Ciências Sociais da UFJF, nós estudamos juntas e eu perdi o prazo de seleção pro doutorado. Só que um dia eu olhando o *site*, lá, ninguém tinha me avisado nada, eu olhei, eu gosto de ficar... sou rata de internet, reabriu e vai até amanhã. Eu estava na praia, [...] aí eu tentei o doutorado, eu consegui e hoje eu faço doutorado na universidade. Então, eu acho que a minha trajetória, ela deve muito ao PPGP.

Denise – Sobre as atividades após o mestrado, ela afirma:

Atualmente, eu ocupo as mesmas funções do início do curso, com melhor preparação profissional, como os nossos colegas já pontuaram muito bem. A gente começa a ter uma clareza muito grande daquilo que a gente faz. A gente identifica no comportamento das pessoas, nos posicionamentos assumidos. O meu trabalho de dissertação, na verdade assim, ele tem sido implantado e os resultados têm sido maravilhosos, nas escolas onde eu trabalho diretamente. Eu não consegui dentro da nossa superintendência um espaço para que as pessoas conhecessem que proposta é essa. Isso é algo que me incomoda muito. Mas eu vejo que, como resposta, como já foi colocado, não existem também verdades absolutas e o mundo é dinâmico.

Denise terminou sua fala encerrando o evento com uma citação de Guimarães Rosa que deu o tom de todas as outras falas do encontro, evidenciando

que as trajetórias dos alunos durante o curso exigem coragem, e abrem inúmeras possibilidades acadêmicas e profissionais, o que ficou evidenciado em todos os discursos: “A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (Guimarães Rosa).

A formação da mesa com os egressos foi uma oportunidade ímpar para os alunos que estão no Programa trocarem experiências com profissionais que passaram pelas mesmas atividades, os egressos deste Programa. Proporcionou, ainda, aos próprios atores envolvidos diretamente no curso (professores, tutores e equipe de suporte), uma autoavaliação, permitindo inclusive avaliar as dimensões que o curso toma, uma vez que conta com alunos de várias Secretarias de educação que, ao terminarem o curso, ou mesmo durante a realização dele, são capazes de mudar suas práticas e interferir nas mudanças de suas equipes de trabalho.

Foi, portanto, um momento de troca de experiências não somente entre os alunos e os egressos, como também uma integração entre os agentes envolvidos na formação do mestrado, professores e alunos.